ANO IV — 8 DE JUNHO DE 1935 — N.º 95

O COMÉRCIO DA AJUDA

QUINZENÁRIO ANUNCIADOR, LITERÁRIO, NOTICIOSO E DEFENSOR DOS INTERESSES DA FREGUESIA DA AJUDA

Director: ALEXANDRE ROSADO DA CONCEIÇÃO — **Editor: J. A. SILVA COELHO**

Propriedade da Pap. e Tip. GRAFICA AJUDENSE LTD., C. da Ajuda, 176, Telef. B. 329

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA | **Redacção, Administração, Composição e Impressão:** CALÇADA DA AJUDA, 176 — LISBOA

PODEMOS afiançar aos nossos leitores, que o novo Bairro de Casas Económicas do Alto da Ajuda, ficará concluido até ao fim do corrente ano.

São 180 habitações de construção sólida e muito confortáveis, sendo dignos dos maiores encómios, os respectivos empreiteiros, que sob a fiscalização dos delegados do Governo, têm contribuido para o bom êxito de tam importante melhoramento.

COM destino à nossa Biblioteca, foi-nos oferecido pelo nosso prezado amigo Sr. Tenente Antonino Fernandes Pereira da Cruz, o seu último trabalho «Reconhecimentos militares», encerrando modelos dos relatórios de reconhecimentos para uso dos oficiais e sargentos de infantaria e cavalaria, com indicação dos pontos a tratar.

O livro que se apresenta com um belíssimo aspecto gráfico, revela bem a elevada inteligência do seu autor, a quem muito felicitamos e agradecemos a gentil oferta.

CHAMAMOS a atenção das nossas leitoras, para o anuncio que publicamos no presente número, da aula de corte, que vai ser inaugurada no próximo dia 20, na Rua Cabo Floriano de Morais, 3, 2.º-Esq. ao Bairro Económico da Ajuda, e que constitue mais um melhoramento para a nossa freguesia.

ENCONTRA-SE muito melhor da doença que o retém no leito há já alguns dias, o nosso amigo Sr. Nicolau Ferreira, por cujo restabelecimento fazemos sinceros votos.

DEU-NOS o prazer da sua visita o nosso prezado colega «Noticias de Ouréme», que é dirigido pelo ilustre jornalista Sr. Luiz de Oliveira Rito.

E' da melhor vontade que vamos permutar com o brilhante colega, a quem desejamos vida longa.

AS MARCHAS DOS BAIRROS

As marchas populares, são sem dúvida um dos números mais caracteristicos e populares das Festas de Lisboa.

E' formidável a sua organização.

Este ano as marchas reunirão mil figuras aproximadamente e a sua extensão será de alguns quilómetros.

A nossa freguesia como temos noticiado, também se faz representar. A marcha da Ajuda, vai impor se, pelo seu aprumo, pela sua alegria tão característica. A música lindíssima, é original do maestro Gama Lobo e a letra do poeta Frederico Brito. Marcações de grande efeito, de Lamas Moreira. Ensaiador, o artista musical Higino de Sousa Coutinho.

Hoje, pelas 21,30 horas, efectua-se o último ensaio e amanhã, ela se apresentará ao povo da capital, para que se pronuncie.

A seguir publicamos a letra respectiva da «marcação».

Ajuda cá vai andando
Com seus arcos seu balão
Quem vai na marcha cantando,
Não põe os olhos no chão.

Eu fui á Rua da Bica
Sem preguntar a ninguem,
Mas quem vai com sêde, fica
Co'a mesma sêde que tem.

REFRAIN

Ajuda,
Meu bairro cheio de encanto
Ajuda,
Todos te conhecem bem
Ajuda,
Tens a beleza por manto,
De Santo Amaro a Monsanto
E de Monsanto a Belem

II

O nosso galo d'Ajuda,
Virou o bico para o mar.
Ou é o tempo que muda,
Ou anda-te a namorar.

Anda o Moinho Encarnado
Capaz de mudar de côr,
Por ver o lenço bordado
Que me deu o meu amor.

REFRAIN

III

O Largo da Boa Hora
Acorda tarde de mais,
Por isso não sabe agora
A hora a que tu lá vais.

O Rio Sêco coitado,
Não tem água p'ra lavar
As penas que tem penado
E quantas ha-de penar.

IV

Neste ponto do Cruzeiro,
Quem lhe puzesse um balão,
Tinha um arco verdadeira
Que até fazia um vistão.

A travessa da Memória
Não tem memória capaz,
Se eu te contar uma história
Nunca mais lá passarás.

ATENÇÃO

Amanhã pelas 20 horas, será feita uma exibição da Marcha, no Largo da Ajuda, descendo em seguida a Calçada, em direcção a Belem, para o Terreiro do Paço, efectuando-se o desfile ás 22 horas, dêste local, para o Palácio das Exposições, onde na próxima terça-feira, se exibirá no concurso.

NUNCA é demais, falarmos na eterna questão do pavimento de algumas ruas da nossa freguesia, que se encontram num estado deplorável.

A meio da rua das Mercês, por exemplo, encontram-se no passeio, duas covas, devido a terem arrancado dali o calcetamento. Isto perdura há seguramente 1 ano e já tem ocasionado algumas quedas de tranzeuntes.

Apelamos para a Ex.ma Câmara, que estamos certos, desconhece o assunto.

APÓS a suspensão de dois mêses, que por motivos alheios à vontade da redacção se verificou, vai reaparecer completamente remodelado o nosso colega «Guitarra de Portugal», orgão máximo do Fado e de que é Director, o querido poeta popular e nosso grande amigo João Linhares Barbosa.

COMEMORANDO o 64.º aniversário da fundação da Sociedade Filarmónica União Seixalense, foi publicado um número único, focando detalhadamente o que tem sido a vida da colectividade. Além de valiosa colaboração que encerra apresenta-se com belíssimo aspecto gráfico.

A' velha Sociedade e muito em especial ao seu director Sr. José Nunes, apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

TEM passado bastante incomodada de saúde, a Sr.ª D. Célia Carvalho, filha do nosso querido amigo Sr. António Ricardo Carvalho.

Fazemos sinceros votos pelo seu rápido restabelecimento.

FOI tal a aglomeração de original para o presente número, que nos vimos forçados a reter bastante, algum dêle já composto, como sucedeu com a crónica desportiva, do nosso prezado amigo Lívio Ventura, a quem pedimos, nos desculpe.

LIBANIO DOS SANTOS
VINHOS E SEUS DERIVADOS
RECEBIDOS DIRECTAMENTE DO LAVRADOR
TABACOS E COMIDAS
206, Calçada da Ajuda, 206 — LISBOA
Sucursal: Rua das Açucenas, 1 (antiga casa do Abade)

ANTONIO ALVES DE MATOS, L.DA
Rua das Casas de Trabalho, 177 a 183
LISBOA
GENEROS ALIMENTÍCIOS DE BOA QUALIDADE
AZEITES E CARNES O ALENTEJO

PASSADO E PRESENTE

Nos bancos dum jardim público, próximo da casa onde resido, reúnem-se em dias de sol alguns velhotes do sítio, que ali conversam sôbre os casos de sensação ou se entregam ao recordar as cousas de antigos tempos. Homens que ao rude labor da vida deram tudo quanto podiam dar, aposentados hoje alguns, outros ao cuidado de famílias que os amparam no último quartel da existência, ali vão encher de ar os estafados pulmões, e espairecer, caturrando por vezes uns com os outros, pois que, apesar-de se encontrarem todos no período entre os 60 e 90 anos, todavia nem sempre há concordância nas suas opiniões.

Eu, que também por lá apareço, tenho ocasião de assistir por vezes a discussões deveras interessantes. Num dos dias da semana passada estava sentado junto de mim um tal Sr. Ferreira, reformado do Arsenal da Marinha, um dos mais velhos do grupo — o que ninguém dirá ao vê-lo direito e desempenado na sua alta estatura — quando apareceu outro dos freqüentadores, cujo tipo contrasta singularmente com o do meu companheiro de banco. O Aniceto, como lhe chamam, deve orçar pelos 65, mas parece ter mais idade, devido ao cavado do rôsto, às farripas completamente brancas que se lhe escapam sob o chapéu, e especialmente pelo arrastar da perna esquerda, denunciador dos estragos produzidos por qualquer acesso congestivo.

Ao vê-lo, o Ferreira exclamou:

— Viva! Você hoje vem mais tarde.

— Demorei-me um pouco, porque ali em baixo estive ajudando a meter na maca um pobre homem atropelado por automóvel.

O Ferreira abriu os braços num gesto largo, ao mesmo tempo que protestava:

— Todos os dias a mesma cousa!... Estes senhores entenderam que as ruas são só dêles, e por isso têm o direito de passar por cima dos desgraçados que andam a pé!... Ah! *seu* Aniceto .. que saudades eu tenho do meu tempo!

— Então que quere você? O progresso não pára — replicou o Aniceto sentando-se também. — Hoje faria vontade de rir o ver na rua os carrões do Salazar do Bemformoso e as tipóias do Pinga Azeite.

— Deixe-se de histórias, homem! Nas tipóias e nos carrões a gente ia aos mesmos sitios a que vai hoje... e não se davam tantos desastres.

— E' verdade, é; mas gasta-se menos tempo...

O Ferreira não o deixou acabar.

— Lá vem você com a economia de tempo! A mim sempre o tempo me chegou para tudo. Diga você que estamos agora na época da mãndria. Os estabelecimentos abrem ás nove, os escritórios ás onze... e, está claro, todos saem da cama a que horas!. .

E erguendo os braços num gesto indignado:

— Quando é que se viu isto?... No meu tempo, uma pessoa levantava-se de madrugada, ia á missa das almas, e ficava-lhe todo o dia livre!... E olhe que nem por isso a geração está mais forte. Raça de alfenins!... Há menino que, para ir do Rossio ao Terreiro do Paço, mete-se no eléctrico...

— E se tem pressa, vai de taxi — interrompeu o Aniceto.

E o Ferreira, exaltando-se:

— E então os enterros de automóvel!... Também é porque os mortos têm pressa de ir para o outro mundo?... Pois saiba que, aqui onde me vê, apesar dos meus oitenta e tantos, ainda vou a pé ao Lumiar, e volto, sem precisar de meter-me nessas engenhocas que o diabo inventou para dar cabo da humanidade!

O Aniceto sorriu complacente.

— Você cada vez está mais retrógrado!

— Chame-me o que quizer... mas não me convence de que isto é agora melhor do que nos meus tempos de rapaz. Nós estamos aqui a conversar e por vezes quási não nos ouvimos um ao outro, com esta maldita barulheira de cornetas, de businas, de campainhas...

— E o Ferreira acrescentou em tom saudoso, recostando-se no banco:

Excursão á Serra da Estrela

Os FIXES DE BELEM, com séde na Rua da Junqueira, 316, levam a efeito, de 18 a 21 do próximo mês de Agosto, uma excursão á Serra da Estrêla, visitando alguns dos principais pontos do país, com o seguinte itenerário: Torres Vedras, Caldas da Rainha, S. Martinho do Porto, Nazaré, Alcobaça, Batalha, Leiria, Pombal, Coimbra, Penacova, Santa Comba Dão, Mortágua, Carregal do Sal, Nelas, Mangualde, Gouveia e Sanatorio de Manteigas, e o regresso é por: Manteigas, Gouveia, Seia, Oliveira do Hospital, Bussaco, Coimbra, Figueira da Foz, Leiria, Bombarral e Lisboa.

As inscrições para tão interessante passeio, cujo preço é de Esc. 110$00, aceitam-se na morada acima.

Moveis, Estofos e Decorações
Não basta adquirir mobília,
é sempre preciso bom gosto
ESPECIALIDADE DA CASA
Manuel Cordeiro
Facilitam-se pagamentos
Secção montada para fornecimento para toda a Província
Rua de Belém, 80 e 82
TELEFONE BELEM 237
LISBOA

Santos & Brandão
CONSTRUCTORES
Serralharia ** Forjas ** Caldeiraria
Soldadura a autogénio
Rua D. João de Castro, 28 (Rio Sêco)
TELEFONE B. 207

Farmácia Mendes Gomes
Director técnico - JOSÉ PEDRO ALVES, Farmaceutico Quimico
CONSULTAS MÉDICAS pelos Ex.mos Srs. Drs.
VIRGILIO PAULA - Todos os dias ás 17 horas
PEDRO DE FARIA - Terças-feiras ás 10 horas e sábados ás 9 horas
ALVES PEREIRA - 4.as feiras ás 9 h.
FRANCISCO SEIA - Quintas-feiras ás 10 horas
Serviço nocturno aos sábados
Calçada da Ajuda, 222 — LISBOA — Telef. B. 456

Farmácia Souza

Calçada da Ajuda, 170 ▪ LISBOA ▪ Telefone Belém 329

CONSULTAS DIARIAS pelos Ex.mos Srs. Drs.

Carrilho Xavier
ás 15 horas
Doenças das senhoras e partos
Clínica geral

Medina de Souza
Interno dos hospitais
das 17 ás 19 horas
Coração e pulmões — Clínica geral

VIRGINIA DE SOUSA
Parteira pela Escola Médico-Cirurgica de Lisboa
Chamadas urgentes a qualquer hora, nesta farmácia

A manipulação escrupulosamente cuidada de todo o receituário aviado nesta farmácia, pode ser atestada por todos os médicos

AVIAM-SE RECEITAS DE TODAS AS ASSOCIAÇÕES DE SOC. MÚTUOS

Ah! *seu* Aniceto! Como nós nos sentiamos bem, sentados nos bancos do Passeio Público, a ver correr a água para os lagos, muito sossegados...

— Tem razão, era uma bonita cousa! Só tinha o defeito de, com as suas grades em volta, parecer uma jaula de feras!

— Você não sabe o que diz — volve o Ferreira agastado. — Chame-lhe jaula, mas a verdade é que se passavam ali belas noites de verão, ouvindo magníficos concertos pelas nossas bandas, e até orquestras com os melhores músicos e dirigidas por notáveis maestros estrangeiros. Ali vimos o Spelterini atravessar todo o passeio em cima duma corda... e algumas vezes davam-nos lindos fogos de vistas do José Ósti, emquanto a petizada, sem cuidados da família, brincava e dansava, dirigida pelo Justino Soares. Bons tempos! há-de confessar, *seu* Aniceto!... Hoje as bandas pouco se ouvem, nas igrejas reina o cantochão, e o Teatro de S. Carlos, de que eu e todos os amadores de boa música nutrem tantas saudades, está fechado há anos.

— Em compensação — contrapôs o Aniceto — temos a telefonia. Você pode até ouvir os concertos no estrangeiro.

— E' verdade, é. Ouço lá de fora os cantores, que, através o aparelho, parecem canas rachadas, e escuto concertos de música... moderna, dizem êles, mas que ninguém entende, e só serve para nos fazer chorar pela *Norma* e pelo *Trovador*. E tudo isto se ouve — quando se ouve — acompanhado duma trovoada que nos arromba os tímpanos, ou então com intermitências que desesperam os auditores.

— *Ena!* o que aí vai de exagêro!... — exclamou o Aniceto, e obtemperou: — Quem se incomoda com os ruídos liga para os postos nacionais.

— Esses dão-nos de manhã até à noite fados e mais fados... O fado que, como o outro que diz, está voltado da cabeça para os pés. Porque o autêntico, o verdadeiro, era aquele que no meu tempo se cantava nas patuscadas das hortas, no Poço dos Mouros ou no Colete Encarnado, e que o João Maria dos Anjos dedilhava a primor na sua guitarra.

— Safa! que má língua você hoje está!

— Você, *seu* Aniceto, é que está miserávelmente virado para o modernismo. Ainda o hei-de ver de cara rapada como um menino do côro, para andar á moda, usar pulseira com relógio e pintar as bochechas com êsse vermelhão que as madamas agora usam nas faces, nos labios, nas unhas... e não sei onde mais!... E agora por madamas... Para se ver como tudo está pior do que antigamente, basta dizer-se que as raparigas do meu tempo, se acaso o vento lhes levantava um bocadinho da saia, todas se afogueavam de pejo e de vergonha. E hoje?... Sim, diga lá, *seu* Aniceto. E hoje?... Usam saias quási por cima do joelho, e, quando sentadas em lugar público, traçam a perna e mostram...

E em voz mais baixa, o Ferreira, concluiu:

— Isto digo eu... porque a verdade é que nem já olho para elas.

— Você só olha para trás!... Abra os olhos, homem, e olhe para diante! Eu também sou velho, mas não deixo de conhecer quanto o mundo tem avançado desde a minha infância. No que diz respeito a moralidade... hoje como ontem. Os rapazes de agora fazem o mesmo que eu... — e você também, *seu* Ferreira — fazia-mos quando tinhamos a idade dêles. Quanto às mulheres, deixe-as lá mostrar o que mostram. Mais ainda mostrava a mãi Eva no Paraíso, e não consta que o Adão se escandalizásse por isso. E olhe que se a Eva se não pintava, era certamente por não estarem ainda inventadas as tintas. E contudo ela teve artes de deixar o marido pintado.

Fazendo menção de levantar-se, o Ferreira preguntou:

— Você acha tudo isto muito bem, não é assim?

— Está claro — respondeu o Aniceto. — Veja como se tem aformoseado a nossa Lisboa. Belas praças, lindos miradouros, largas avenidas... ao passo que dantes o que havia? Becos escuros, travessas estreitas...

— Nunca fui tão gordo que não coubesse por elas!

— E depois, todos os progressos das artes, das ciências... o vapor, o telégrafo, a aviação, as mil aplicações da electricidade na indústria, na medicina..

O Ferreira estava como sôbre brasas.

— Ah! sim, na medicina!... Dê-lhe dessas!... Mas não é o filho de meu pai que se mete nas mãos dêsses cavalheiros cuja especialidade é espicaçarem o corpo dos doentes para lhes meterem no sangue venenos que o estrangeiro para cá impinge em vidrinhos, que custam os olhos da cara!... Sinapismos, *seu* Aniceto, chá de borragem, e de quando em quando uns copitos do Pôrto... é o grande remédio!

E batendo no solo com a ponteira da bengala, ao mesmo tempo que se erguia, altivo e aprumado:

— Sabe que mais?... Fique-se você com os seus progressos! Que lhe prestem!... Eu é que não me convenço com lérias. Adeus, *seu* Aniceto. Passe bem.

E lá se foi de mau humor, cabeça levantada, continuando a bater rijamente a calçada com a bengala de cana da India, emquanto o companheiro, voltando-se para mim, a sorrir, me dizia:

— Foi sempre assim. Casmurro... até ali.

Alfredo Gameiro.

Clínica Dentária da Ajuda

Calçada da Ajuda, 183, 2.º-Esq.

Consultas das 10 ás 12 e das 14 ás 19 h.

Clínica para as classes pobres ás quintas-feiras das 14 ás 16 horas

Próthese em ouro e vulcanite pelos mais modernos processos

PREÇOS MÓDICOS

Se quereis fazer as vossas compras em bôas condições, ide fazê-las aos estabelecimentos de

FRANCISCO DUARTE RESINA

R. do Cruzeiro 101 a 117, Telef. Belem 551, ou Calçada da Ajuda, 212 a 216, Telef. Belem 552 (antiga Mercearia Malheiros)

que ai encontrareis um bom sortido de géneros alimentícios de primeira qualidade, e muitos outros artigos por preços módicos; e a máxima seriedade comercial.

Ao menos a título de curiosidade fazei uma visita áqueles estabelecimentos, para vos certificardes da verdade, que o seu proprietário agradece

Grafica Ajudense

TIPOGRAFIA
PAPELARIA
com secções de
Tabacaria
Perfumaria
Livraria
Artigos escolares

Calçada da Ajuda, 176
TELEF. B. 329

Instalações eléctricas
EXECUTA
Américo Hilor Dias
ELECTRICISTA

T. S. F.
Venda de aparelhos
a pronto e prestações
Demonstrações gratuitas

PEDIDOS á
C. Ajuda 167-169
Telef. B. 552
onde serão atendidos com a máxima urgência

MERCEARIA CONFIANÇA
DE
João Alves
CALÇADA DA AJUDA, 95 A 97—LISBOA

Verdadeira selecção em todos os géneros de primeira necessidade.

Nesta casa tambem se vendem os afamados VINHOS DE CHELEIROS (Mafra)

MAIS TOPONIMIA

(Continuado do número anterior)

Travessa de Fernão Pais

Uma única vez, até hoje, topei com tal designação: no «rol de desobrigas» do ano de 1692.

O nome de Fernão Pais — não sei porquê — tem sabor antigo e faz supor que se trataria de toponimia tradicional.

Não sei de todo quem fôsse a personagem pois não encontro o menor rasto dela.

Esta travessa tinha directriz ligeiramente diferente da actual e, no fim do século XVII, abria-se entre duas casas nobres: do lado esquerdo, a da condessa de Santa Cruz, que estava alugada (talvez a um tal Bartolomeu Daniel que tinha uns armazens estabelecidos nos baixos dos dormitórios dos frades jerónimos); do lado direito, a de não sei quem (talvez algum descendente do tal Fernão Pais) e onde morava o provedor e guarda-mór da saúde do pôrto de Belém, cargo que rendia 500.000 réis limpos a seu proprietário.

Ainda existe esta casa, embora com a fisionomia alterada por azulejos baratos e com um andar a mais. E' o prédio em que fica a confeitaria, fábrica dos famosos pastéis.

Em razão da residência de tão alto funcionário na casa da esquina poente, sôbre o que então se chamava «patente do lugar», o vulgo passou a designar o arruamento por *travessa do Guarda-mór*, vocativo que só cessou quando a travessa desapareceu para dar lugar ao *largo do Chão Salgado*, em consequência da demolição das casas do duque de Aveiro (que era filho da condessa de Santa Cruz) embora já tivessem passado muitos anos sôbre o falecimento do funcionário que ali morava, e seus sucessôres não prosseguissem a residir no prédio depois que êle se foi da vida presente.

O Guarda-mór da Saúde que originou a nova designação foi nem mais nem menos que o prosapiento Diogo Rangel de Macedo que deixou nome como genealogista, pois compôs, nas horas vagas do seu rendoso cargo, um nobiliário pelo qual (segundo uma nota manuscrita exarada num códice da *Pombalina* da Biblioteca Nacional e cujo conhecimento devo a meu prestimoso amigo Sr. capitão Gastão de Melo de Matos) recebeu de El-Rei D. João V 300 moedas de bom oiro (1.440$000 réis daquele tempo, ou seja cerca de 140 contos de agora!) ficando os livros em seu poder e dando-se-lhe um amanuense para os copiar. Os entendidos dizem que êsse nobiliário, como quási todos da época, é pouco digno de crédito. Diogo Portugal de Macedo é que não pensaria dêle o mesmo, pois lhe valeu bom dinheiro de contado...

Quem quizer saber a ascendência de tão preclaro varão, consulte o terceiro volume da *Corografia* do padre Carvalho da Costa que lá tem tudo posto a limpo dêsde o décimo quinto avô que foi nem mais nem menos que o famoso capitão Gonçalo Gonçalves que em companhia de El-Rei D. Afonso Henriques escalou Santarem pelo lado do Tejo. Este pormenor — o do lado por que o tal capitão entrou — é simplesmente delicioso e demonstra bem quanto se esmiuçavam êstes assuntos...

Seu avô, Diogo Rangel Sarmento, também foi guarda-mór da saúde do pôrto de Belém, mas em tempos do Senhor D. João IV.

Diogo Rangel de Macedo foi casado com D. Angela Luisa Lobo e houve dela um filho e três filhas. Uma destas foi freira no convento do Calvario. A restante família depois que êle passou a melhor vida saiu de Belém. Talvez houvesse ido morar para S. Vicente onde, parece, também tinham casa.

O prédio já em 1729 tinha outro inquilino — o sr. Manuel Cabral Pereira de Oliveira, casado com D. Ursula Maria da Silva de quem teve, pelo menos três filhos: D. Luisa Maria da Silva, António Cabral M. Souto Maior, que casou com D. Mariana Teresa de Castro, e António Gomes Souto Maior, que desposou D. Luisa Inácia Cabral, senhora que, segundo os livros dos arruamentos, era a proprietária da casa.

Estes foram, até 1775, os sucessores de Diogo Rangel de Macedo, como morador no andar nobre do prédio da rua de Belém onde residiu.

Outro tanto não posso dizer sobre seus sucessôres no cargo de guarda-mór da saúde do porto de Belém.

Só sei que em 1760 desempenhava tais funções o antigo cirúrgião da

(Continua na página 7)

NO ESPELHO DA VIDA

Fui um dia vê-lo ao catre do hospital, para onde fôra transportado na resolução definitiva de sujeitar-se a uma operação ao estômago, onde uma úlcera fizera o seu alojamento, com certa gravidade.

A doença atacara-o fortemente. Não havia esperanças de salvação.

O meu intuito, ao visitá-lo, tinha por ponto essencial dar-lhe um abraço de despedida, pois ninguém já dava nada pela sua vida.

Sensibilizou-me imenso quando o vi encostado a uma almofada sentado na cama — dias após a operação — rodeado por pessoas de família e alguns colegas, tam magro e enfezado, o semblante macilento, os olhos encovados nas órbitas, os maxilares salientes, a quererem romper a cobertura de pele que os envolvia.

Impressionava ver aquele verdadeiro esqueleto... Pele e ôsso... Indicava-nos o seu estado físico um desenlace rápido. Falava a custo... Manifestara vontade de ir para casa, talvez na convicção de fechar os olhos junto dos seus entes queridos.

Um dia chegara a noticia de que do hospital tinham informado que a sua vida dependia de horas. Trouxeram-no para sua casa, onde permaneceu durante muito tempo entre a vida e a morte.

Momento angustioso!

Resistiu... Auge de admiração! Conseguira dar um safanão na morte, afastá-la para longe de si... Ainda não seria daquela que a Parca lhe daria o derradeiro abraço...

Doloroso sofrimento a que se sujeitara... O restabelecimento muito demorado e com rigorosa dieta, que cumprira.

Uma nova ameaça o reteve novamente no leito, mas desta vez não fizera operação. Iniciou uma série de injecções. Com alguns intervalos de descanso, regressou ao trabalho o morto vivo, impondo a si mesmo uma mudança radical na sua vida de café e de estúrdia, antes tanto à revelia e prenhe de aventuras amorosas.

Havia quem o denominasse *D. Juan* de caixa baixa, pelo imprevisto e inconcebível dos detalhes que descrevia na mais singela naturalidade.

Viajara... Procurara na terra estranha o lenitivo para apagar o sofrimento que recebera na terra natal... Um rosário infindável de facetas e episódios seus causavam risota ao mais sisudo, e prendia pelo descritivo.

Com uma potente veia de vate lançara à luz da publicidade *Farrapos de alma*, ensaio juvenil, os primeiros passos na poesia, o que lhe grangeara uma certa auréola de ditos picarescos e remoques dos companheiros de trabalho.

Sempre com um sorriso escarninho à flor dos lábios, retorquia com azedume aos que lhe enviavam o dardo da crítica truanesca.

Conhecia os sinceros, e afastava os velhacos e os impostores. Separava, na fieira do seu coração, os que faziam espírito ou graça sem intuitos reservados, daqueles que hipócritamente o mimoseavam com contumélias repugnantes...

Só uma preocupação o atormentava: era a felicidade duma netinha a quem adorava com extrema afeição, e que representava o seu enlêvo e encanto.

Um dia que a pequenita adoecera, sofrera horrivelmente; não falava, andava meditabundo, neurasténico, pouco comunicativo, e pesaroso.

Conforme a neta foi melhorando, o seu ser recebia essa influência saudável.

* * *

Começavam as estrêlas a empalidecer, e já ao longe vinha clareando uma ténue claridade do dia que apontava.

Ele sentado a uma mêsa escrevia os traços ligeiros num novo livro que a sua inteligência produzira: *Toadas Singelas*... fruto sazonado... delicioso!...

Um sorriso enigmático desenhou-se nos seus lábios quando pousou a vista num soneto intencional com a epígrafe *amigos*...

Tantos, tantos, que talvez
Se me puzesse a contar,
Seria um nunca acabar
De amigos sem sensatez.

Amigos de tal jaez
São bem fáceis de encontrar,
Pois só sabem intrigar
Com qualquer de quando em vez.

Amigos eu nem sei quantos,
Mas não encontro entre tantos
Um só sequer com pudor.

E assim vejo em cada amigo
Um ingrato, um inimigo,
Em cada amigo um traidor.

Continua na página 7

Milagre de Santo Antonio

Por CARLOS FERNANDES

ESTAVAMOS no dia de Santo António, dia êste que os alfacinhas veneram e comemoram todos os anos com a antonomasia de «milagroso», pelo facto de os compêndios doutrinários de tempos remotos dizerem que o santo fizera alguns milagres com bastante exito, milagres êsses que ainda estão no espirito de algumas centenas de criaturas crentes.

Mal o dia despontou com os seus raios luminosos, a gente menda, nos bairros mais excentricos, trabalhava afincadamente na sua ornamentação e embelezamento.

Uns, entretinham-se a fazer e a pregar argolas de papel de diversas côres para adornar os mastros que se encontravam nas entradas do recinto, enquanto que outros punham verdura, balões á veneziana, e nesta azáfama desgarravam-se ditos de espirito para amenizar a labuta e assim passar despercebido o tempo.

Emfim; enfeitavam o melhor que podiam, para atrair ali enorme afluencia de pessoas.

O dia decorria com animação, e o tempo estava verdadeiramente primaveril. Corria uma brisa fresca, agradável e apetitosa, que atenuava o calor quási sufocante. Quando o sol se escondeu no horisonte já o recinto se encontrava repleto de assistentes, que aguardavam anciosos a filarmónica que havia de dar inicio á festa com alguns trechos de música popular.

Logo que a banda tocou o nunca esquecido entrecho de *As rosas*, da revista *Foot-Ball*, o povo rompeu delirantemente com uma salva de palmas, ovacionando os músicos.

Minutos depois estava formado o baile, dançavam entusiasmados e bamboleavam-se os pares ao compasso da musica mal entoada, ouvindo-se distintamente o som do flautim e da pancadaria que desarranjavam o espírituoso entrecho de tão apreciada partitura.

Mais além ouviam-se algumas modinhas provincianas, cantadas por moçoilas frescas que dançavam em redor, batendo palmas, todas risonhas e contentes, e, no meio desta confusão, dêste barulho entontecedor, no ar rebentavam alguns foguetes.

Diversas baiúcas encontravam-se abertas e, dentro, uns fregueses discutiam com calor assuntos politicos, outros, alegres, sob o poderio do alcool, que lhes subia á cabeça, dançavam dentro daqueles antros viciosos.

Mais além, envolviam-se em desordem alguns foliões, a que só a presença da policia poz termo. A meio destas peripécias notei que ao pé de um prédio de azulejo estava uma mulher loira, de olhos gaiatos, mas francos, que me fitava de quando em vez, parecendo-me que me sorria quando os nossos olhares se encontravam.

Eu quizera retirar o meu olhar do seu. Quanto mais fazia por desviar-me mais me atraía, mais para ela olhava.

Nunca tinha amado — falo com franqueza — não sabia mesmo o que queria ser amor. Supunha mesmo que seria uma palavra vã. Aproximei-me para a ver mais de perto... Tive ocasião de constatar que Madalena — nome que ouvi proferir por uma interessante criança que se encontrava ao seu lado — me sorria, que entreabria os seus lábios purpurinos, como quem me queria dizer algo do que sentia.

Não queria olhá-la, porque o seu olhar fazia-me mal. Entabolámos conversação e ela foi que novo encontro ficou aprazado. Ardia em fogo como um louco retirei-me lentamente, sem sequer ter coragem de me voltar para traz para a fitar mais uma vez.

Caminhava pensativo, trocando aqui e ali, como se estivesse embriagado. Entrei no meu pequeno quarto para me deitar tranquilo. Estendi-me no meu leito para ver se podia passar pelo sono Ah!.. Nem me quero recordar!...

Quando estava prestes a cair nos braços do Morfeu abri os olhos, e então, reflectia-se sempre a mesma visão. E cheio de insónias, fumava, fumava cigarros uns após outros, quási que os engulia. Isto fazia-me bem, sentia-me aliviado como se um nectar perfumado penetrasse na minha alma torturada.

Segundos depois dormia a sono solto.

No dia seguinte fiz-me encontrado com a formosa Madalena com a qual tive uma pequena entrevista.

Acedeu a um passeio matutino pela cidade, que se prolongou até um dos arredores, e sempre muito unidos, como se fossemos dois pombinhos, caminhavamos arrulhando em busca de uma guarida para construir um ninho.

Passadas algumas semanas, um mez talvez, fomos matar o tempo para um jardim da capital. Estava quási solitário e poético, aspirávamos o olor das flores que se encontravam em redor.

Os passarinhos chilreavam, saltitavam de ramo em ramo, levando nos bicos alguns tronquitos sêcos, amarelecidos, para rechear os seus ninhos, emquanto que nós, absortos no mesmo pensamento, atentos ao nosso risonho futuro, olhavamos as aves cheias de contentamento...

Ardia em desejos, hesitei por momentos, sem saber o que fazer. Eis quando me salta á mente o beijar aqueles lábios frescos e rosados.

Vacilei mais uma vez, como se fôsse um crime que iria praticar, mas, enchendo-me de coragem, colei os meus lábios aos dela e dei-lhe dois beijos enamorados e cheios de fé. E ela muito assustada e nervosa, disse-me:

— Está contente? Satisfez o seu desejo?

Eu, muito trémulo, retorqui:

— Sim, meu amor, estou satisfeito. — Amo-a!...

Ela não me respondeu. Fitou-me demoradamente e baixou depois os seus lindos olhos para o chão.

Peguei-lhe nas suas pequeninas mãos e disse-lhe:

— E' a primeira vez que amo uma mulher!... Santo António fez mais um milagre!...

E foi assim que, desde êsse momento, comecei a viver tranquilo e feliz.

Favorita Ajudense
DE
J. J. CAETANO
Completo sortido de Fanqueiro, Retrozeiro, Rouparia e Gravataria
Artigos Escolares — Material electrico
GRANDES PECHINCHAS—OS PREÇOS MAIS BAIXOS DO MERCADO
167, Calçada da Ajuda, 169
TELEFONE BELEM 456

Nova Padaria Taboense
DE
ANTÓNIO LOPES MARQUES
Esta padaria está patente ao publico para verem as suas condições higienicas
R. das Mercês, 118 a 128—SUCURSAL: T. Paulo Martins e Largo da Paz
TELEF. B. 656—AJUDA—LISBOA

LIBREIRO, L.DA

Travessa da Boa-Hora, 22 e 24 — Telefone B. 427

LISBOA

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Louças de esmalte e vidros ..... Vínhos finos e de mêsa

LICORES E TABACOS

Amândio C. Mascarenhas

SERRALHARIA MECANICA E CIVIL E FERRARIA

SOLDADURA AUTOGENIA

Construção aperfeiçoada de ferragens para fornos de padarias, do mais moderno sistema e fogões em todos os generos

R. Mercês, 104 (Ajuda) — LISBOA Telef. B. 496

COSTUMES DA ÍNDIA ORTODOXA

O ocidentalismo ao penetrar na India, suprimiu um bárbaro costume: o *satty*, que significa «mulher dedicada».

Segundo o ritual ortodoxo, uma viúva que se prezasse devia imolar-se logo em seguida à morte do espôso, lançando-se na pira de sândalo e resina, que lhe incinerava o corpo, e só assim seria considerada como «dedicada».

O *satty*, não era preceito obrigatorio do Código de Manú, mas era costume de séculos e séculos e o costume faz lei

A principio, o *satty* foi um acto abnegativo, mas com o rodar do tempo transformou-se em barbarie a cerimonia grandiosa da imolação da *mulher dedicada*.

- Senão, vejamos:

Colocava-se uma pira no lugar da cremação e o cortejo funebre punha-se em marcha, cantando hinos e seguido de enorme multidão.

Chegados junto da pira e feitas as cerimonias rituais, colocava-se o cadáver em cima. Mal as chamas crepitassem a viúva despojava-se dos seus adornos — que distribuia pelos pobres e brâmanes (sacerdotes — ditava as últimas vontades e dava duas voltas ao redor da pira, recitando orações.

Depois de ungida com óleos e essências, a *sacrificada* lançar-se-ia à fogueira, onde ardiam as cinzas do esposo e... estava consumado o barbaro cerimonial — o sacrificio.

Em Gôa, no século XVI, Afonso de Albuquerque proibiu êste costume, proibição que só se generalisou no resto da India na segunda metade do século XIX, graças á vigilância exercida pela policia inglêsa.

Mas não se pense que, após a proibição do *satty* se libertaram de sacrificios as viúvas indú-ortodoxas.

Pelo contrário!... Após a morte do esposo, a viúva deixa de viver para o mundo.

No dia do saimento funebre vestirá pela última vez os seus trajos de gala, como no dia de noivado, e é êste o seu último dia de vida social. Daí em diante viverá apenas entre as quatro paredes da casa, sem carinhos de ninguém, sem poder erguer os olhos para individuo de outro sexo, sem poder vestir trajos de gala, pôr jóias ou ir a festas. Fugirão dela todas as pessoas felizes, e as noivas não a deverão olhar, porque a viúva «é um ser fatidico», uma «ave agoirenta que presagiará desgraças a quem a tocar ou sentir perto».

Por isso, bem mais bárbara que o *satty*, é a condição da viúva ortodoxa — porque se vê morta para a vida, sacrificio maior do que a incineração voluntária na pira onde o corpo do marido se reduz a cinzas — se recordarmos que as indús costumam casar entre os dez e os quinze anos.

Aurélia Borges.

Panificadora Ajudense

DE

LOPES & C.ª

Travessa da Boa-Hora — AJUDA

Fornece ao público todas as qualidades de pão de qualquer formato

FAZEM-SE ENTREGAS AO DOMICILIO

TELEFONE B: 386

AGENCIA MIGUEIS

FUNERAIS E TRASLADAÇÕES

Calçada da Boa Hora, 216 — LISBOA

TELEFONE BELEM 367

CERAMICA DE ARCOLENA

DE

J. A. JORGE PINTO

Azulejos e louça vermelha — — Faianças artisticas

Canalisações de barro vidrado

Rua das Pedreiras, 4 — Arcolena

TRANSPORTES DO ALTINHO A. A. JERÓNIMO

Suc. de Sebastião dos Santos

Carroças de aluguer para todos os serviços de transportes

Fornecedor de materiais de construção

TELEFONE BELEM 154

Rua das Casas de Trabalho, 109

Os bons Vinhos de Cheleiros

da colheita de 1934

MARCA - MOSTEIRO DE MAFRA

encontram-se à venda nos estabelecimentos de

João Alves e Resinas

Antonio Duarte Resina

154, Calçada da Ajuda, 156

Neste estabelecimento de MERCEARIA, o mais antigo da freguesia da Ajuda onde primeiro se venderam e continuam vendendo os bons

VINHOS DE CHELEIROS

encontrareis também um bom sortido de géneros alimenticios de primeira qualidade a preços rasoaveis

José Vicente d'Oliveira & C.ª (F.º)

Sucessor: FERNANDO ANTONIO DE OLIVEIRA

Fábrica de cal a mato e todos os materiais de construção

33, Rua do Rio Sêco, 33 — LISBOA

TELEFONE BELEM 56

A festa de gala do Colégio Insulano

Conforme noticiámos, realizou-se no passado dia 25 a récita levada a efeito pelo Colégio Insulano, na magestosa sala de espectáculos do Belém-Clube.

Foi em primeiro lugar representada a engraçadissima comédia «A noiva do Chico», original do ilustre homem de letras Ex.mo Sr. Coronel Cardoso dos Santos. O desempenho, a cargo das alunas Maria Celeste Correia, Maria Emília Neves, Maria Suzete Gomes. Naria José Correia, Maria Elisa Ferreira, Maria da Conceição Stichaner, Lia Costa, Maria Amélia Teixeira, Olga Ribeiro e Maria Eugénia Pinho, foi muito brilhante, sendo todas dignas dos maiores elogios, pela forma correcta como interpretaram os difíceis papeis. O autor, foi no final, carinhosamente ovacionado.

No acto de variedades, apresentou-se o orfeão, de maneira tam impecável, que mereceu fartas ovações.

Nos recitativos, Maria Suzete Gomes e Maria Emilia Neves, foram muito felizes, tendo demonstrado grande vocação na arte de dizer.

Tocaram ao piano, Maria de Lourdes Castelhano Santos, Maria da Conceição Stichaner, Maria Elena Ferreira e Maria Celeste Ferreira, uma petisinha de 9 a 10 anos, que nos encantou, pela forma impecável como executou alguns dificeis números. Todas, sem distinção, foram fartamente aplaudidas.

Um dos melhores números do programa, foi «Um passo de minuete» impecavelmente dansado e que confessamos, nunca ter visto m lhor. Durante a execução dêste soberbo número, Maria da Conceição Stichaner, disse brilhantemente, versos do Ex.mo Sr. Coronel Cardoso dos Santos, tendo o espectáculo terminado com a rapsódia de canções regionais, com a colaboração musical de Luiz Silveira.

Foi uma festa encantadora, que se prolongou até alta madrugada.

Ao grande animador dêste festival, Ex.mo Sr. Coronel Cardoso dos Santos, felicitamos pela forma brilhante como foi cumprido o programa.

Tendinha da Ajuda

DE

J. SABINO DA SILVA

Géneros de primeira qualidade Vinhos e tabacos

RUA DAS MERCÊS, 51

NO ESPELHO DA VIDA

(Continuado da 5.ª página)

As estrêlas deixaram de brilhar no empireo.

* * *

Também tivera os seus amores... Amara uma Madalena, o seu primeiro amor... Delirara numa paixão. Entranhara-se com verdadeira devoção nêsse relicário de beleza e formosura que êle com a alma torturada num remorso vira partir, afastar-se de si para sempre:

Porque partes ? ! Se a partida
E' para mim cruciante !
¡ Deixas-me sózinho, errante,
Com minha alma dolorida ! ..

Não partas, minha querida,
Sem mim para tam distante,
Porque sinto a cada instante
O fugir da negra vida.

Partes ! Mas no último adeus
Descobri nos olhos teus
Uma lágrima a bailar,

E, vendo-te assim sofrer,
Não me pude então conter —
Chorei por te ver chorar.

Acabara a revisão das *Toadas singelas*... O cérebro estava esvaido, tinha os membros lassos, os nervos irritados, e as ideas confusas e revoltas.

Na sua mente reflectia-se o catre do hospital, as lágrimas da espôsa, os abraços e beijos da netinha. Estava ali, vivo, afastado da luta entre a vida e a morte, compondo o produto da sua inteligência... Era bem vinculado o espelho da vida que escarnecia da outra face fatídica e desoladora, que êle afastou de si por algum tempo ! ...

Carlos Inubia.

MAIS TOPONIMIA

(Continuado da página 4)

câmara de Sua Magestade (mas já ao tempo cirúrgião-mór do Reino) Dr. António Soares Brandão a cuja casa El-Rei D. José foi curar-se dos tiros que apanhou por tabela na noite de 3 para 4 de Setembro de 1758. Morava na Junqueira na casa que tem hoje o n.º 204 e onde tem sua séde a, salvo êrro, Sociedade dos Alunos de Alves Rente.

Como a *travessa do Guarda-mór* se transformou na *travessa das Galinheiras* já dei parte no artigo anterior.

(Continua)

Mario de Sampayo Ribeiro.

RECTIFICAÇÃO

No folhetim do nosso último número sairam dois erros graves que convém rectificar. Na 3.ª coluna, onde se lê: «escorregando-lhe os pés a cada passo no terreno macio e declinoso, o nosso homem gemia, tresmava, etc.» — deve ler-se: «escorregando-lhe os pés a cada passo no terreno macio e declivoso, o nosso homem gemia, tressuava, etc.».

CORTE

PROFESSORA DIPLOMADA

Iniciará no próximo dia 20 um curso de corte pelo sistema mais moderno e prático

Preço acessível, dando-se vantagens às alunas que se matricularem até ao dia 18 (das 14 às 18)

Rua Cabo Floriano de Morais, 3, 2.º - Esq.

(Bairro Económico da Ajuda)

ABEL DINIZ D'ABREU, L.DA

PADARIA

Fornece pão aos domicílios

55, C. da Memória, 57 - LISBOA - Sucursal: T. da Verbena, 14 e 16

TELEFONE BELEM 520

Mercearia, Carvoaria e Vinhos

DE

ALBERTO RIBEIRO DE CARVALHO

Géneros alimenticios de primeira qualidade

Vinhos finos e de pasto, das melhores regiões

Telefone Belem 574

C. da Ajuda, 184 a 186-A ■ LISBOA ■ R. da Torre, 6 a 10

A FESTA DO BELEM-CLUBE

Conforme noticiámos, efectuou-se no passado sábado o grandioso espectáculo que a Direcção dêste prestimoso Clube levou à cena no seu elegante Salão-Teatro.

Com farta assistência, visto que não havia um só lugar vago, foi dado inicio á representação da comédia original do distinto escritor teatral Sr. Arnaldo Brandeiro, intitulada «O leão fantasma», que teve um desempenho muito regular.

Seguidamente, representou-se a comédia em 1 acto, original do Dr. Augusto Cunha «O exame do meu menino», sendo todos os seus interpretes muito aplaudidos.

No acto de variedades que se seguiu, tomaram parte gentis meninas e vários sócios do Clube, que bem mereceram os fartos aplausos que a assistência lhes tributou. Não fazemos referências especiais, porque todos nos agradaram imenso.

Seguiu-se o «Fim de Festa» em que colaboraram os ilustres artistas Alexandre de Azevedo, Alvaro de Almeida, Henrique de Albuquerque, Virginia Soler e Maria Cristina, sendo todos muito justamente aplaudidos.

Chega o momento porque todos anseiam. Procopio Ferreira, o actor máximo da cena brasileira, vai ser apresentado no palco do Belém-Clube. E' Alexandre de Azevedo, o nosso grande artista, quem faz a sua apresentação. Procópio vem à bôca de cena e ali recebe as primeiras ovações. Diz vários monologos que a assistência aplaude com calor.

Depois, o magestoso palco, enche-se com a presença de todos os que tomaram parte (e tantos foram) no espectáculo. Lá está tambem a briosa Direcção do Belém-Clube. O seu presidente, nosso querido amigo Casimiro Janeiro, lê um brilhante discurso, que é bem um hino de saudação e agradecimento a Procópio Ferreira. Este, não oculta a sua comoção, que se estende a todos os presentes. Vai agora ser descerrada a lápide comemorativa da sua passagem por êste Clube, e que está coberta pelas bandeiras portuguêsa e brasileira. E todos aplaudem frenèticamente o grande artista, que nesse momento recebeu uma das maiores ovações a que temos assistido neste Clube.

Procópio abraça o Presidente da Direcção e mostra desejos de falar. Estabelece-se a custo silêncio e então, com a sua voz forte, diz quanta alegria lhe vai na alma e depois de agradecer as palavras que lhe dirigiram, ao referir-se ao nosso país, termina assim: «Merece a pena ser brasileiro e ser recebido por portuguêses». Alexandre de Azevedo, responde-lhe: «Parafrazeando o que disse Procópio Ferreira, eu direi: Merece a pena ser português para receber os brasileiros».

No final todos correm a abraçar o genial artista, a quem a assistência se não cançava de vitoriar.

E todos os artistas se dirigiram para a sala da Direcção, onde lhes foi servido um finíssimo Pôrto de Honra, no decorrer do qual, o grande artista voltou a usar da palavra, fazendo nesse momento a oferta dos seus valiosos cenários que trouxe para Lisboa, ao Belém-Club.

E agora, resta-nos felicitar a velha colectividade e todos os que contribuiram para o brilhantismo da inolvidável festa, que ficará na memória de todos.

CALISTA

Encarrega-se de todos os tratamentos da especialidade

VAI A CASA DOS CLIENTES, a qualquer ponto da cidade. Preços muito em conta.

Informações: FARMACIA FIGUEIREDO, 42, Calçada da Ajuda, 44 — Telef. B. 489.

Escrever para **J. F. D'ALMEIDA,** Rua de Santo António em Belém, 9, 2.º, D.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

BOA-HORA FOOT-BALL CLUB

Começam hoje as grandiosas festas comemorativas do XVII aniversário da fundação dêste prestimoso Clube desportivo.

A's 21,30 horas, será feita a inauguração oficial da nova séde, com a assistência das Direcções da Federação Portuguêsa de Foot-Ball, Associação de Foot-Ball de Lisboa, Clubes de Foot-Ball e Imprensa, seguido de um «Pôrto de Honra».

Amanhã, ás 10 horas, recepção aos sócios pela Direcção, sendo hasteada a nova bandeira.

A's 12,30 horas, no Campo do Restelo, encontro de futebol entre o *team* B do B. H. F. C. contra o 1.º *team* do Alcolenense Foot-Ball Clube, para despedida das actuais equipes.

A's 14,30 horas, desafio entre a 1.ª categoria do B. H. F. C. para estreia das novas equipes, contra a 1.ª categoria do Operário Foot-Ball Clube (1.ª Divisão).

As festas prolongam-se até 16 do corrente.

Agradecendo o convite que nos foi enviado, saudamos nos seus corpos gerentes, o simpático e valoroso organismo desportivo, pela hora que passa, que deve constituir orgulho para todos os seus associados.

JOÃO MENDES

Vinhos recebidos directamente de Torres Vedras, das melhores qualidades

TABACOS

ANTIGO ARMAZEM DA MEIA NOITE

Calçada da Ajuda, 136 e 138 — LISBOA (à esquina da Travessa da Boa Hora)

Laboratórios FARMACIA SILVA

Director técnico: JOÃO ALVES DA SILVA, Farmaceutico pela Escola de Lisboa

25, Rua dos Quarteis, 27 — LISBOA — Telef. B. 377

Empolas de todos os medicamentos injectaveis
Serviço de pensos esterelisados para OPERAÇÕES E PARTOS

Depósito geral dos PRODUTOS LASIL:

Xarope Tiocol «Lasil» — Empregado contra tosses rebeldes e infecções pulmonares

Cinacol, empolas — Medicação artificial, indolor, para o bacilo de Kock.

Antinevralgina, comprimidos — Nevralgias, dôres de cabeça e dentes, constipações, insonias por excesso de trabalho, etc.

Balsamo Analgesico «Silva» — Empregado no tratamento do reumatismo, gôta contusões, etc.

Calcio «Lasil», empolas e gôtas, medicamento calcico, injectavel.

Xarope «Peitoral de Cereja», de composição inteiramente vegetal, calmante das secreções bronquiais.

Quinisina Lasil, empolas — Pneumonias, bronquites, bronco-pneumonias, gripes, etc.

Sais de Frutos Lasil — Doenças de figado, estômago, prisão de ventre, vertigens, dôres de cabeça, etc.

Soros, sêdas, catgut, drenos, crinas, laminarias, algodões, gazes, compressas, tampões, ligaduras, etc., etc.

CONSULTAS MEDICAS DIARIAS

pelos Ex.mos Srs.

Dr. Virgilio Lopes de Paula ás segundas, quartas e sextas-feiras, ás 14 horas.

Dr. João Pedro de Faria — ás segundas, quartas e sextas-feiras. ás 10 horas.

Dr Julio de arvalho — ás terças, ás 9 h.

Dr. Schiappa Monteiro — às terças, quintas-feiras e sábados, às 14.30 hor s.

Dr. anuel de Lucena — às ter ças-feiras às 16 horas.

Dr. Manuel Henriques Leitão — Todos os dias ás 18 horas.

Avia-se receituario de todas as Associações

SERVIÇO NOCTURNO A'S QUARTAS-FEIRAS

Especialidades nacionais e estrangeiras